

ROCHA, Afonso: *Nietzsche - A filosofia de outro Ocidente*, Universidade Católica Editora, Porto, 2015, 662p (Vol. 1) e 373p (Vol. 2).

O regresso ao pensamento filosófico de Nietzsche, que este estudo de Afonso Rocha nos oferece, tem dois objectivos centrais e bem definidos: retomar e reinterpretar a obra original e o pensamento autêntico de Nietzsche, e reafirmar a sua actualidade como alternativa de pensamento para uma credível e fundamentada refundação do Ocidente, *de outro Ocidente*. Para realizar esses objectivos, o autor deixa bem clara a sua posição de leitor e intérprete, ao tomar a sério Nietzsche e a ousadia do seu pensamento, confrontando-o com a coerência interna do seu pensamento e a inequívoca inteligibilidade que sustentam as mais controversas das suas posições, a exemplo da proclamação da “morte do Deus cristão” e não propriamente da “morte de Deus” – «nem sequer tem por que não ser tomado a sério» (1, p. 587), afirma A. Rocha, ao denunciar a errada atribuição de ateísmo, de materialismo e de irreligiosidade que habitualmente domina as opiniões sobre Nietzsche. Ao assumir a dimensão mais profunda da obra de Nietzsche, enquanto “filósofo do futuro”, Afonso Rocha debate-se com as interpretações e os “clichés” que predominam na opinião geral do público e da história da filosofia, acerca da figura e da revolução do pensamento do filósofo. Reconhecendo o contributo valioso de alguns dos grandes intérpretes da filosofia de Nietzsche, com os quais dialoga relativamente a todos os temas nevrálgicos, em particular com Heidegger e Raul Proença, o mais destacado pensador português que analisou e escreveu e sobre a obra do filósofo, Afonso Rocha não se coíbe de escrever que se «(...) até hoje, [o tempo] ainda não ter feito jus ao valor filosófico da sua obra e do seu pensamento... // Por nós, ousaremos dizer que tal se há-de verificar, e que,

---

Recibido: 30/03/2016. Aceptado: 30/03/2016.

aos tempos do “filósofo” maldito, “excêntrico”, “patológico” e “psiquiátrico”, que ainda hoje parecem prevalecer no Ocidente a nível de certos sectores, há de suceder o dia de um juízo apoditicamente favorável, o dia do juízo em que o Ocidente, confrontado com o beco sem saída em que se encontra, não só há de finalmente assumir o seu pensamento metafísico e religioso-metafísico, como há de eventualmente promover Nietzsche à categoria de “filósofo-profeta”, com o estatuto do “filósofo” que foi capaz de propor e afirmar os fundamentos duma nova concepção da metafísica e da religião, consubstanciadora, respectivamente, duma “metafísica da Vontade de poder e/ou do Eterno Retorno” e duma religião místico-gnóstica de pressuposto dionisíaco-zoroástrico, concepções, por sua vez, susceptíveis de constituir alternativa, transformando-as e/ou substituindo-as, quer à concepção metafísica de Platão, quer à concepção judaico-cristã da religião e, conseqüentemente, à civilização ocidental cristã.» (1, p. 204). Nesta (longa) transcrição podemos constatar a tese central da interpretação de Afonso Rocha, no seu extenso estudo, com a rigorosa fundamentação na obra do próprio Nietzsche, sem a desvirtuar com as habituais comparações e avaliações com o pensamento prevalecente na tradição do Ocidente cristão.

O estudo é desenvolvido em três partes, devidamente interconexas, e fundamentais, como estrutura e fundamentação, para a interpretação que o autor nos propõe. Na primeira parte, “Para a contextualização de Nietzsche e do seu pensamento”, aborda não apenas a época em que viveu e foi formado, mas também o que pensava Nietzsche da História e do seu tempo, e o entendimento da filosofia como saber dionisíaco; aqui se acentua a consciência que o próprio filósofo tinha da grandeza da sua “missão”, como pensador, filósofo e profeta – “um discípulo do filósofo Dioniso”, “o primeiro filósofo da sua época, ou ainda talvez um pouco mais, um filósofo decisivo e fatal”, que quer “derrubar ídolos”, os do “idealismo” (platonismo) e do “cristianismo”... Na segunda parte, apresenta “A crítica aos valores superiores: o pensamento de Nietzsche por via de negação”, analisando a radical refutação filosófica do “platonismo” e a rutura com o Ocidente e a tradição ocidental, a nível das concepções que envolvem o metafísico, o moral, o religioso e o mundo. A atenta exegese técnico-hermenêutica da evolução do pensamento de Nietzsche, ao longo das três fases que identifica na sua obra, permite-lhe clarificar a questão do “nihilismo” que corresponde ao “Mundo-Verdade”, mundo cheio de ficção e de quimeras, e que estão na base duma moral absoluta e dum providencialismo, metafisicamente insustentáveis, e identificados com um deus que morreu, o “deus cristão”.

Ao mesmo tempo se ia definindo o carácter fundamentado da proposta, a partir duma afirmação de Deus e da religião, no âmbito dum misticismo de essência metafísico-gnóstica (“dionisismo zoroástrico”), que desenvolve expressamente na terceira parte: “No princípio era o Eterno Retorno e o Eterno Retorno era com ser e o Eterno Retorno era o ser: o pensamento de Nietzsche por via de afirmação”. Aqui se define, com maior exactidão, a alternativa filosófica nietzscheana, num quadro de coerência metafísica, como contraproposta fiável, apesar de reconhecer a formulação de teor inacabado, lacunar e imperfeito, com insuficiências, a nível da globalidade do seu pensamento metafísico. Desde a intuição/revelação do Eterno Retorno, em 1881, o “seu pensamento metafísico por valores” vai sendo construído, até à “*transmutação de todos os valores*” que seria a cúpula e o coroamento do seu edifício filosófico. “Transmutar os valores”, substituindo os valores do Ocidente que vinham da metafísica de Sócrates e Platão e da religião cristã, será por excelência o escopo e a “missão” de Nietzsche, na concretização final do seu projecto de um outro Ocidente. (2, p. 103) A obra que daria corpo a esse coroamento – “Vontade de poder - Transmutação de todos os valores” –, não chegou a ser elaborada, deixando-nos apenas “fragmentos” e/ou “inéditos”, em grande parte inseridos na publicação póstuma *A Vontade de Poder*. Temos, assim, nesta terceira parte, «a afirmação, por via positiva, de uma síntese filosófica, de índole metafísica e religioso-teológica, que, em contraponto e como substituição do pensamento vigente e dominante no Ocidente, desde Platão e a implantação do “cristianismo”, constitua o fundamento de uma outra ou nova concepção filosófica no domínio da metafísica, da moral, da religião, de Deus e da mundividência, em relação ao Mundo, ao homem e à história.» (2, p. 14)

Na elaboração da nova metafísica da Vontade de poder e/ou do Eterno Retorno sobressai o “teor místico-gnóstico” que a inspiração/revelação de Zarathustra lhe transmitiu. É a concepção do “Eterno Retorno”, enquanto “ideia” “revelada” ou “inspirada”, que constitui o centro e o fundamento do seu pensamento metafísico e religioso-teológico. Sem a autêntica compreensão deste conceito, permanecerá vedado o sentido e o alcance da nova filosofia e da proposta refundadora de Nietzsche. É útil lembrar Heidegger, para quem a “doutrina do ‘*Eterno Retorno*’, isto é da repetição absoluta e infinita de todas coisas”, constitui o “pensamento fundamental de Nietzsche”. (1, p. 420) A esta doutrina são dedicadas muitas páginas do vol.1 e praticamente todo o vol. 2 se concentra na análise e esclarecimento do seu significado metafísico e místico. Para Nietzsche, de facto, a acção desta ideia

na consciência humana é obrigatória e decisiva para prevenir ou evitar que se agrave a “decadência próxima da civilização terrestre no seu conjunto”, tendo em conta a sua concepção do Tempo e do *trágico*, da redenção do Homem e do Mundo. Para esta redenção do Mundo, na perspectiva da sua nova conceção do tempo, concebido essencialmente como presente-futuro ou “instante” de essência “eterna”, Nietzsche recusa claramente o determinismo universal, e defende e justifica a autonomia e teleologismo causal do Mundo, com a interacção da liberdade e da responsabilidade do Homem...

Outro dos temas a salientar, pelo enfoque muito particular que lhe é atribuído na análise levada a cabo por Afonso Rocha, e com o qual encerra este estudo, é a questão tão frequentemente citada, e também tão frequentemente desvirtuada, relacionada com o *Superhomem* nietzscheano. Nela se concentra não apenas uma das principais consequências/resultados do sua filosofia, como se resume também o profundo humanismo que o inspirou e que se propõe reinventar e incentivar no presente-futuro do novo Tempo a instaurar na cultura humana, em particular na sua expressão ocidental. Para isso é absolutamente necessário regressar ao mais original da obra literal e da inovação filosófica de Nietzsche. Nesse sentido, Afonso Rocha procura desligar a concepção de Nietzsche da atribuição ao *superhomem* da «grosseira glorificação de atos de violência arbitrários que os homens tiveram o hábito de cometer até agora», propondo como mais fiel e mais adequada a expressão *homem verdadeiro*. É essa a visão metafísica e mística que Zarathustra lhe revelou, e que o autor do estudo desenvolve, com particular clarividência, no subcapítulo que o encerra: “O homem como ‘alguma coisa que deve ser superado’ e como mediação da ‘redenção’ do ‘Mundo’: o ‘homem verdadeiro’” (2, pp. 319-336). Não deixa de atribuir a este “homem verdadeiro” uma certa dimensão escatológica, associada não só ao processo de constante e sistemática “superação” ou auto-aperfeiçoamento de si mesmo como “alguma coisa que deve ser superado”, mas também como «recapitulação da própria perfeição suprema da “terra [‘Mundo’]”, e isto no âmbito dum processo de evolução, de progresso e de aperfeiçoamento da “terra [‘Mundo’]”, a empreender com um inexcusável e imprescritível “sentido humano”». (2, pp. 326-327)

Não será, certamente, tempo perdido, a atenção a dedicar a esta obra de interpretação e promoção de um autor e de uma corajosa proposta filosófica marcada pela visão lúcida de um filósofo irreverente e místico, imerso já num período controverso que coincide com os sinais demasiado preocupantes de uma cultura/civilização a entrar em grave crise, com a evolução

da modernidade ao longo do séc. XIX. Crise que se prolonga e se avoluma no final do século passado e início do novo milénio, e daí a inegável actualidade da proposta de Nietzsche e desta nova, e substancial, exegese interpretativa. O intérprete manifesta clara identificação com a crítica de fundo à cultura e civilização ocidental que a obra de Nietzsche representa, cremos que sem prejuízo da objectividade e isenção do estudo. As obras de Nietzsche, utilizadas como referência, são de traduções francesas, como refere no texto, e reconhece em nota que poderá significar «alguma fragilidade»; estamos certos que a visão global do seu pensamento e a interpretação que desenvolve não terão sido prejudicados por essa circunstância, se acaso o foi em alguma particularidade da linguagem e do estilo pessoal do autor estudado. Observação marginal, poderá ser a chamada de atenção para o uso assíduo (excessivo?) das aspas, que procurámos manter nas referências e citações utilizadas, mas que alertam seguramente para o esforço de fidelidade rigorosa na atribuição da autoria da terminologia usada. Tem também o carácter de uma «profunda e convicta homenagem pessoal, quer à superior figura de homem, de filósofo, de crente e de místico que Nietzsche foi, e cuja prova poderemos encontrar na leitura isenta da sua obra», nas palavras do autor (2, p. 335), e que atribui também, nos mesmos termos, a outro grande pensador, no primeiro centenário da morte ocorrido em 2015, e a quem dedicou, recentemente, um estudo marcante, o filósofo português Sampaio (Bruno).

Para finalizar, fico convencido que estamos perante uma obra que contém todos os elementos, rigorosos e fundamentados, para uma reavaliação do pensamento filosófico e religioso-teológico de Nietzsche, como *possibilidade real* de alternativa actual de pensamento e de modelo de cultura, e não apenas como exercício lúdico-filosófico. Se cada época tem a leitura própria dos grandes autores do passado, esta obra de Afonso Rocha corresponde à leitura séria e actualizada, para hoje, do pensador que se lhe impõe «como um filósofo universal, como um dos maiores filósofos que a humanidade terá podido conhecer até hoje, como um filósofo, cuja filosofia, afigura-se-nos, terá por ela o futuro...» (2, p. 11).

José Gama